

**TECITURAS DA SUBJETIVIDADE: O CONCEITO DE SUJEITO NA PSICANÁLISE
FREUDIANA E NA ANÁLISE DO DISCURSO DE ENI ORLANDI****WEAVINGS OF SUBJECTIVITY: THE CONCEPT OF SUBJECT IN FREUDIAN
PSYCHOANALYSIS AND ENI ORLANDI'S DISCOURSE ANALYSIS** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.006-019>**Cynara Sento-Sé Alves**

Aluna do programa de pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da UNEB/DCH
Campus VI/Caetité.
E-mail: caalves@uneb.br
ORCID: 0000-0003-1499-191X

Luz Marina Sento-Sé

Advogada, especialista em Direito Público e Gestão Financeira.
E-mail: Luzmarinasentose.adv@gmail.com

Sidnay Fernandes dos Santos

Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS).
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2216543407273699>
E-mail: sfsantos@uneb.br

RESUMO

Este artigo compara o conceito de sujeito na psicanálise freudiana e na Análise do Discurso (AD) de Eni Orlandi. Explora o sujeito freudiano como ser do inconsciente, pulsões e conflitos (Id, Ego, Superego), moldado pela sexualidade infantil. Em contraste, aborda o sujeito orlandiano como construção discursiva, interpelado pela linguagem, história e ideologia. A análise busca as intersecções e distinções, rompendo com a noção de sujeito autônomo e enriquecendo a compreensão da subjetividade contemporânea. Essa abordagem interdisciplinar visa aprofundar o diálogo acadêmico, oferecendo ferramentas para analisar criticamente a formação da identidade em contextos como gênero, política e representação social. O estudo demonstra como o sujeito é atravessado por forças psíquicas internas e construções sociais externas, revelando a complexidade de sua constituição.

Palavras-chave: Análise do discurso; Cultura; Linguagem; Psicanálise; Sujeito.

ABSTRACT

This article compares the concept of subject in Freudian psychoanalysis and in Eni Orlandi's Discourse Analysis (DA). It explores the Freudian subject as a being of the unconscious, drives and conflicts (Id, Ego, Superego), shaped by infantile sexuality. In contrast, it approaches the Orlandian subject as a discursive construction, interpellated by language, history and ideology. The analysis looks for intersections and distinctions, breaking with the notion of an autonomous subject and enriching the understanding of contemporary subjectivity. This interdisciplinary approach aims to deepen academic dialogue, offering tools to critically analyze identity formation in contexts such as gender, politics and social representation. The study demonstrates how the subject is crossed by internal psychic forces and external social constructions, revealing the complexity of its constitution.

Keywords: Discourse analysis; Culture; Language; Psychoanalysis; Subject.



1 INTRODUÇÃO

A compreensão do conceito de sujeito é uma questão central em diversas disciplinas acadêmicas, desde a psicanálise até a análise do discurso, onde a natureza e a interpretação desse conceito têm sido objeto de interesse e debate acadêmico profundo, moldando de maneira significativa as teorias e práticas dentro dos mais diversos campos do conhecimento. Este estudo, parte integrante do programa de mestrado profissional em linguagem, ensino e sociedade (PPGLS) da Universidade do Estado da Bahia/DCH Campus VI/Caetité, se propõe a realizar uma análise abrangente, explorando o conceito de sujeito entre a psicanálise freudiana e a abordagem da análise do discurso, conforme desenvolvido por Eni Orlandi. O conceito de sujeito está intrinsecamente ligado a questões fundamentais da sociedade, como identidade, poder, discurso e linguagem, onde a compreensão dessas duas perspectivas teóricas pode contribuir significativamente para abordar questões contemporâneas relacionadas a gênero, discurso político, poder e representação social e/ou subjetividades. Esse entendimento pode fornecer ferramentas avançadas para analisar e enfrentar desafios sociais complexos que envolvem a linguagem e a formação de identidade. Do ponto de vista acadêmico, a escolha deste tema torna-se relevante, uma vez que se enquadra no campo interdisciplinar da linguagem, do ensino e da sociedade, onde, tanto a psicanálise quanto a análise do discurso são duas implicações acadêmicas na educação, na teoria da linguagem, nas ciências sociais e nas ciências humanas. Nesse contexto acadêmico que penso que esse estudo analítico e comparativo contribuirá para o aprofundamento do conhecimento nessa área, ampliando o diálogo acadêmico sobre o sujeito, trazendo novas perspectivas e análises críticas para o campo. A escolha deste tema não é apenas um exercício acadêmico, mas também um reflexo do interesse e da paixão dessa aluna pelo estudo das linguagens, por desvendar as complexidades da linguagem e do sujeito, bem como espera contribuir para o debate na intersecção entre psicanálise e análise do discurso, propondo um mergulho na análise comparativa no conceito de sujeito, conforme delineado por duas das mais influentes vertentes do pensamento contemporâneo: a psicanálise freudiana e a Análise do Discurso (AD) na perspectiva de Eni Orlandi. A escolha dessa intersecção teórica não é arbitrária, mas emerge da percepção de que a subjetividade humana, em sua complexidade multifacetada, não pode ser apreendida por uma única lente. Ao confrontar e dialogar com as premissas de Freud e Orlandi, este estudo visa a desvendar as intrictezas da constituição do sujeito, explorando como diferentes arcabouços teóricos iluminam aspectos distintos e complementares da identidade, do inconsciente, da linguagem e do poder. A pertinência dessa discussão reside na capacidade de transcender as fronteiras disciplinares, promovendo um diálogo fecundo entre campos do saber que, à primeira vista, poderiam parecer distantes. A psicanálise, com sua vasta exploração das dinâmicas inconscientes, das pulsões e dos conflitos internos, oferece uma compreensão profunda das forças que moldam o indivíduo "por dentro". Ela nos convida a reconhecer a não-transparência do eu, a presença de desejos reprimidos e a influência de experiências primordiais na formação da personalidade. Por outro lado.



A Análise do Discurso, conforme desenvolvida por Orlandi, posiciona o sujeito no cerne das práticas linguísticas e das formações ideológicas, demonstrando como a linguagem não é um mero instrumento de comunicação, mas um espaço de constituição e interpelação. Ao analisar os discursos, desvendamos como as identidades são socialmente construídas, como o poder se manifesta nas palavras e como as subjetividades são forjadas em um emaranhado de significações históricas e culturais.

A relevância deste estudo transcende o mero interesse acadêmico, projetando-se sobre questões cruciais da sociedade contemporânea. Em um mundo marcado por intensos debates sobre gênero, identidades fluidas, polarização política e a ubiquidade dos discursos midiáticos, a capacidade de analisar criticamente a construção do sujeito torna-se uma ferramenta indispensável. Compreender como os processos inconscientes influenciam o que é dito e como os discursos moldam o que é pensado e sentido pode oferecer insights valiosos para decifrar fenômenos como a disseminação de narrativas ideológicas, a formação de estereótipos ou a resistência a determinadas representações sociais. Ao entrelaçar as lentes psicanalíticas e discursivas, podemos desenvolver uma análise mais sofisticada das subjetividades contemporâneas, reconhecendo tanto as forças internas que as impulsionam quanto as estruturas externas que as delimitam e as permitem se expressar. Este trabalho, portanto, não se limita a uma revisão bibliográfica, mas busca estabelecer um arcabouço analítico robusto que permita questionar e aprofundar o entendimento sobre a complexa interação entre o psíquico e o social na formação do sujeito. Ao explorar as nuances do sujeito freudiano – marcado pela divisão, pelo desejo e pelo inconsciente – e do sujeito orlandiano – interpelado pela ideologia, pela história e pela linguagem –, objetiva-se não apenas ampliar o diálogo acadêmico sobre o tema, mas também fornecer ferramentas conceituais para uma leitura mais crítica e engajada da realidade. A paixão por desvendar as complexidades da linguagem e da subjetividade que motiva esta pesquisa reflete o compromisso em contribuir para o debate interdisciplinar, abrindo novas perspectivas e pavimentando caminhos para futuras investigações na intersecção entre psicanálise e análise do discurso.

A estrutura deste trabalho é a seguinte: a seção subsequente apresentará a metodologia utilizada, que se inicia da revisão bibliográfica relevante, passa pela leitura e análise crítica, incluindo os conceitos associados ao sujeito na psicanálise freudiana e na análise do discurso em Eni Orlandi. Posteriormente, obrigaremos com uma análise comparativa detalhada, destacando os aspectos mais significativos de cada perspectiva. Por fim, concluímos com uma síntese das descobertas e uma reflexão sobre a importância dessas abordagens para o campo do ensino da linguagem na sociedade contemporânea.



2 METODOLOGIA

Essa pesquisa consistiu em uma análise comparativa entre duas abordagens teóricas distintas para a compreensão de um mesmo objeto de estudo. A teoria: a psicanálise e a análise do discurso. O objeto de estudo: O Sujeito. Estabelecemos as indagações:

Como a Psicanálise Freudiana compreende a noção de Sujeito?

Como a Análise do Discurso em Eni Orlandi compreende a noção de Sujeito?

Quais os pontos de convergências entre as duas teorias na compreensão do Sujeito?

Quais os pontos de Divergências entre as duas teorias na compreensão do Sujeito?

Para realizar esse estudo comparativo utilizamos como abordagem metodológica, revisão bibliográfica, análise crítica e síntese das fontes selecionadas. análise crítica e comparativa das teorias de Freud e Eni Orlandi, discussão e conclusão da temática proposta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ANÁLISE DO DISCURSO: PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS EM ENI ORLANDI

Na obra *Análise do discurso princípios e procedimentos* (2015), Eni Orlandi nos convida a compreender alguns conceitos da análise do discurso. A obra é composta por três capítulos e uma conclusão, no qual nos apresenta a linguagem contextualizada socialmente, argumentando que a Análise do Discurso (AD) é o resultado de diferentes formas de dar sentido à linguagem, enfatizando a relação entre linguagem e aparência, destacando que os analistas do discurso buscam preservar o sentido das práticas humanas relacionadas ao tempo e ao espaço. Explora a relação entre linguagem, discurso e ideologia, afirmando que a Análise do Discurso não busca esquadrinhar o texto para encontrar o sentido, mas sim perguntar o que o texto significa. A autora também aborda a importância de considerar as condições de produção da linguagem e as circunstâncias de criação do discurso, analisando a relação com os sujeitos que falam a língua. Orlandi aprofunda o conceito de discurso, propondo que a Análise do Discurso integre os domínios da linguística, marxismo e psicanálise para formar novos objetos de estudo. Destaca que a fala não é apenas uma mensagem emitida pelo remetente, mas transmite ações significativas entre falantes. A fala incorpora o sujeito social e histórico, sistema e realização, sujeito e objeto, processo e produto: a linguagem é a condição de possibilidade do discurso, e a fronteira entre linguagem e discurso é constantemente desafiada em qualquer prática discursiva. A fala incorpora o sujeito social e histórico, sistema e realização, sujeito e objeto, processo e produto. Refletindo sobre os conceitos teóricos da Análise do Discurso (AD), ilumina a questão da linguagem e seu significado a partir de uma perspectiva discursiva. Ele busca (ORLANDINI, 2007), compreende como os objetos simbólicos do sujeito e suas emoções se preservam em gestos comunicativos que vinculam o sujeito e o significado. Cada análise é diferente, pois mobiliza diferentes conceitos e, por sua vez, tem análises diferentes ao distinguir os materiais discursivos em diferentes

contextos, daí a necessidade de diferenciar entre os dispositivos teóricos e como interpretar os dispositivos analíticos. O sentido não existe em si mesmo, mas é determinado por posições ideológicas postas em jogo no processo sócio histórico de produção da palavra, cujo significado das palavras muda dependendo da localização do usuário. Orlandi (2015) trata da concepção de um aparato que veicula o que se fala e o que não se fala e sua relação com o sujeito por meio de seus sentimentos e palavras, onde as palavras têm significados diferentes dependendo de quem as diz. A estrutura do corpo analítico está relacionada ao que faz parte desse corpo teórico e sua estruturação discursiva, cujos, métodos e procedimentos visam mostrar como o discurso funciona para evocar efeitos de sentido. Quanto ao texto e ao discurso, os textos são textos porque os significam, portanto, podem ser ditos ou escritos. O discurso é, portanto, um efeito de sentido entre falantes e serve como um meio de assegurar a estabilidade de uma expressão particular: falador é aquele que se apresenta com seu ego e produz sua própria sequência de palavras (ORLANDINI, 2007). Pode-se dizer que o discurso gira em torno de três tipos: discurso totalitário, palavras controversas e observações lúdicas. Na articulação entre discurso e ideologia, no qual revela-se que o sentido é história, o sujeito se (re) significa nela: a linguagem daria sentido ao discurso do e no sujeito, e, a análise desse discurso compreenderia a ideologia e sua intervenção no discurso contextualizado social e historicamente..

Isso posto, entendemos que o sujeito é considerado uma construção social, discursiva, influenciada pela linguagem e pelo contexto cultural. Será através do discurso que a identidade e as identidades, assim como, os sentidos são construídos e percebidos: o sujeito é apreendido nessa malha, nessa teia de emaranhado da análise discursiva (SANTOS, 2010). As questões de poder, ideologia e hegemonia na construção do sujeito, presente na linguagem é utilizada pela linguística para construir significados e representações sociais. Nessa perspectiva, o sujeito é visto como construído discursivamente e influenciado pelo contexto social, político e cultural. Orlandi abordou questões de poder, ideologia e identidade na construção do sujeito discursivo.

3.2 A PROFUNDIDADE DA ANÁLISE DO DISCURSO EM ENI ORLANDI: DA LINGUAGEM AO SUJEITO EM CONSTRUÇÃO

A obra "Análise do discurso: princípios e procedimentos" (Orlandi, 2015), oferece uma chave interpretativa robusta para a compreensão da linguagem não como um mero veículo transparente de ideias, mas como um espaço complexo de produção de sentidos e, conseqüentemente, de constituição do sujeito. Longe de uma abordagem puramente linguística, a AD orlandiana se insere na tradição da escola francesa de análise do discurso, que, desde Michel Pêcheux, propõe uma triangulação epistemológica entre linguística, marxismo e psicanálise. É nesse entroncamento que reside a potência analítica de Orlandi, permitindo que o sujeito seja compreendido em sua complexidade, escapando de visões essencialistas ou meramente psicológicas. Indo além da superfície do texto, questionando não apenas "o que o texto diz",



mas "o que o texto significa" e, crucialmente, "como esse significado é produzido". Para ela, o sentido é intrinsecamente ligado à história e às condições de produção da linguagem, significando que cada enunciado, cada palavra, carrega em si as marcas do tempo, do espaço, das ideologias e das relações de poder que o moldaram. O discurso, nesse sentido, não é um artefato isolado, mas um evento que se materializa na língua e, ao mesmo tempo, a transforma. É na interação dialética entre a língua e a história que o sujeito se inscreve e é inscrito, tornando-se um efeito do discurso tanto quanto seu produtor. A autora enfatiza que os analistas do discurso buscam "preservar o sentido das práticas humanas relacionadas ao tempo e ao espaço", um convite a mergulhar nas camadas históricas e sociais que subjazem a qualquer enunciação. A centralidade da ideologia na obra de Orlandi é inegável: o sentido das palavras "muda dependendo da localização do usuário" e é "determinado por posições ideológicas postas em jogo no processo sócio histórico de produção da palavra", desmistifica a ideia de um sentido universal ou inato, revelando-o como uma construção que serve a interesses e posições de poder. O sujeito, nesse cenário, não é um agente livre e autônomo que simplesmente escolhe seus discursos; ele é, antes, interpelado pela ideologia, que o convoca a ocupar determinadas posições-sujeito. A linguagem, como um campo de disputas ideológicas, é o palco onde as identidades são constantemente negociadas e ressignificadas. A análise do discurso, portanto, busca desvelar como a ideologia atua, de forma muitas vezes sutil e imperceptível, na formação dos sujeitos e na produção dos sentidos. Esse conceito de "formações discursivas" e "formações ideológicas", embora não explicitamente detalhado em seu excerto, é fundamental na perspectiva orlandiana. Elas são a estrutura invisível que organiza o que pode ser dito, pensado e sentido em determinado momento histórico e social. O sujeito se filia a essas formações, mesmo que inconscientemente, e é através delas que ele adquire "legitimidade" para falar e para se reconhecer. A fala, portanto, incorpora não apenas o indivíduo, mas também o "sujeito social e histórico", o "sistema e a realização", o "sujeito e o objeto", o "processo e o produto". Essa complexa teia sugere que a subjetividade é sempre em construção, fluida e multifacetada, nunca plenamente fechada. A "fronteira entre linguagem e discurso é constantemente desafiada em qualquer prática discursiva", indicando que o sujeito está em um processo contínuo de (re)significação de um sujeito atravessado pela linguagem, pela história e pela ideologia que a ponte para a psicanálise freudiana se torna relevante, conforme esse artigo sugere. Embora Orlandi trabalhe com um sujeito primordialmente "discursivo" e "histórico", sua inclusão da psicanálise como um dos pilares da AD aponta para o reconhecimento de uma dimensão que escapa ao consciente e ao racional. Se "a fala não é apenas uma mensagem emitida pelo remetente, mas transmite ações significativas entre falantes" e "incorpora o sujeito social e histórico", há uma abertura para pensar as marcas inconscientes, as pulsões e os desejos que também atuam na produção do discurso e na constituição da subjetividade. Ao afirmar que "o sujeito se (re) significa na história", e que a análise do discurso "compreenderia a ideologia e sua intervenção no discurso contextualizado social e historicamente". Orlandi



oferece um terreno fértil para explorar como o inconsciente, em sua perspectiva freudiana, se manifesta e é moldado pelas formações discursivas. Em suma, a AD de Eni Orlandi não se contenta em descrever o que é dito, mas se empenha em desvendar como o sentido é produzido e como, nesse processo, o sujeito é construído, interpelado e significado. É a partir da compreensão da linguagem como prática social, atravessada por ideologia e história, que Orlandi nos permite acessar a complexidade da subjetividade, tornando o terreno fértil para uma análise comparativa rica com o conceito de sujeito na psicanálise freudiana.

4 O CONCEITO DE SUJEITO NA PSICANÁLISE FREUDIANA

O conceito de sujeito ganhou, ao longo do tempo da construção da teoria psicanalítica, status central na discussão teórica, situando-se nas entrelinhas do texto freudiano (ELIA, 2004). Freud não construiu esse conceito, e, suas alusões ao termo costumavam ser feitas associando-o à noção de pulsão na constituição psíquica do sujeito, porém pulsão é um conceito que faz parte da metapsicologia freudiana, composta por constructos que só se manifestam e são observáveis a partir de seus fins e de seus efeitos, definida como um estímulo que desestabiliza a tendência à inércia presente na vida psíquica. Funciona como uma força constante vinda de dentro do organismo. A tensão pulsional traça um movimento pendular: do ego, sua fonte primordial, em direção ao objeto, retornando novamente ao ego. Esse percurso circular subverte a noção do sujeito como mero autor da ação, na medida em que o converte também em alvo e em objeto. A construção do ego ocorre, gradativamente, vinculada à consciência e ao inconsciente: seria a parte do inconsciente modificada pela proximidade e influência do mundo externo. Para Freud, o inconsciente pode ser tomado como um dos nomes do sujeito, como àquele que emerge em flashes, em forma de lacuna, um acontecimento pontual. Se for possível reprimir os representantes pulsionais geradores de desprazer, não é possível, por outro lado, silenciá-los definitivamente: onde está o id, o ego deve vir logo atrás. Mas, vai ser no texto *Introdução ao Narcisismo*, de 1891, que Freud vai introduzir a noção de desejo, um dos pontos cruciais de sua obra. Nesse contexto, qual a compreensão de Freud sobre o que é o sujeito? O sujeito seria àquele influenciado pelos processos inconscientes e pelas forças psíquicas que operam nele. Aqui estão algumas das principais características da compreensão de Freud sobre o conceito de sujeito: Estrutura psíquica: Freud concebe o sujeito como uma estrutura psíquica complexa composta por três instâncias: o Id, o Ego e o Superego, instâncias essas que representam diferentes partes da personalidade e interação entre si, influenciando o comportamento e a experiência do sujeito. O Id é a instância mais primitiva do inconsciente, governado pelas pulsões e pela busca constante da satisfação imediata do desejo. O Ego é a instância mediadora e consciente da personalidade, que lida com a realidade, toma decisões e busca equilibrar as demandas do Id e do Superego. O Superego é a instância moral e consciente da personalidade, representando os valores, normas e regras internalizadas da sociedade, além de conter a consciência da



autocrítica. Por Inconsciente, Freud credits que grande parte da atividade mental ocorre no inconsciente, fora do alcance da consciência imediata, abrigando desejos reprimidos, memórias traumáticas e conflitos psicológicos que exercem influência sobre o sujeito, mesmo que não sejam acessíveis à consciência. Em suma, para Freud, o sujeito é um complexo de processos, pulsões, conflitos e estruturas psíquicas que interagem e influenciam a experiência e o comportamento do indivíduo. Sua criação do sujeito destaca a importância dos aspectos inconscientes e das forças psíquicas na formação da personalidade e na compreensão dos fenômenos imaginários. O sujeito é influenciado por processos inconscientes, desejos reprimidos e mecanismos de defesa: o ego, o id e o superego, são partes do aparelho psíquico que moldam a identidade do sujeito na psicanálise, portanto, a noção de sujeito encontra-se profundamente relacionada à sexualidade e aos avanços de desenvolvimento, como a fase oral, anal e fálica.

4.1 O CONCEITO DE SUJEITO NA PSICANÁLISE FREUDIANA: UMA CONSTRUÇÃO EM MOVIMENTO

O conceito de sujeito em Freud, embora não se apresente como um constructo monolítico ou uma definição formalmente acabada permeia toda a sua obra, manifestando-se nas entrelinhas de seus escritos e ganhando contornos a partir da dinâmica dos processos psíquicos: Freud não "criou" o sujeito como uma categoria fechada, mas o desvelou através da investigação do inconsciente e das forças pulsionais que moldam a experiência humana. O sujeito é fundamentalmente um sujeito do inconsciente, marcado pela divisão, pelo conflito e pela impossibilidade de uma total transparência para si mesmo, noção essa, que subverte a ideia iluminista de um sujeito consciente, racional e autônomo, propondo, em seu lugar, uma subjetividade forjada nas profundezas de uma instância psíquica inacessível à consciência imediata. A pulsão emerge como o motor central dessa constituição. Não se trata de um mero instinto biológico, mas de uma força constante, uma exigência de trabalho imposta à mente, que busca descarga e satisfação. Sua natureza, definida como um estímulo interno que desestabiliza a tendência à inércia psíquica, é intrinsecamente paradoxal. A tensão pulsional, ao descrever um percurso pendular "do ego, sua fonte primordial, em direção ao objeto, retornando novamente ao ego", revelando um ciclo de busca e satisfação que, paradoxalmente, posiciona o sujeito não apenas como autor da ação, mas também como alvo e objeto dessa própria força interna. Essa dinâmica pulsional, inerente e inalienável, fazendo com que o sujeito freudiano seja perenemente atravessado por um desejo que, fundamentalmente, nunca é plenamente satisfeito, gerando um movimento contínuo de busca e resignificação. É essa incompletude radical que confere ao sujeito sua natureza processual e dinâmica. Continuando o contexto descrito, a construção do ego, vinculada tanto à consciência quanto ao inconsciente, representa a parte do aparelho psíquico que se modifica pela influência do mundo externo. Contudo, mesmo o ego, que busca mediar as demandas internas e externas, é permeado pelo inconsciente. De fato, para Freud, o inconsciente é muitas vezes o verdadeiro



"sujeito", aquele que emerge em "flashes", "lacunas" ou "acontecimentos pontuais" – nos sonhos, nos chistes, nos atos falhos e nos sintomas. Esses são os momentos em que a lógica linear da consciência se rompe, dando passagem a uma lógica outra, regida pelo princípio do prazer e pelos processos primários do inconsciente. A famosa máxima freudiana "Onde estava o Id, deve vir o Ego" (Wo Es war, soll Ich werden) não sugere uma anulação do inconsciente, mas sim um trabalho contínuo de conscientização e elaboração, na tentativa de o ego se apropriar de territórios antes dominados pelo Id, sem, contudo, erradicá-lo. As "representações pulsionais geradoras de desprazer" podem ser reprimidas, mas não silenciadas definitivamente, pois continuam a operar no inconsciente, influenciando o comportamento e a experiência do sujeito. A introdução da noção de desejo em "Introdução ao Narcisismo" (1914) marca um ponto crucial na obra freudiana, deslocando o foco da mera descarga pulsional para a complexidade do investimento libidinal no próprio eu e nos objetos externos. O desejo, para Freud, é o motor da vida psíquica, a expressão das pulsões em sua relação com a representação. É o desejo, em sua eterna busca por algo que, talvez, nunca foi possuído em sua totalidade, que impulsiona o sujeito em sua relação com o mundo e com os outros.

A estrutura psíquica tripartite – Id, Ego e Superego – oferece um modelo topográfico e dinâmico para compreender o sujeito em sua complexidade. O Id, a instância mais primitiva, é o reservatório das pulsões, operando sob o princípio do prazer, sem lógica, moralidade ou noção de tempo. Ele é o puro desejo irrefreado. O Ego, por sua vez, emerge como a instância mediadora, o "eu" consciente que lida com a realidade, buscando conciliar as demandas imperiosas do Id com as restrições do mundo externo e as exigências morais do Superego. Seu trabalho incessante de mediação, de percepção, memória e ação, é o que permite ao sujeito operar no mundo, mas é também o palco de seus conflitos. O Superego, a instância moral, representa a internalização das normas, valores e proibições parentais e sociais. Ele atua como um censor, gerando culpa e ideal, e é a instância que projeta o ideal do ego. A interação e o conflito constante entre Id, Ego e Superego são o motor da dinâmica psíquica e o cerne da constituição da identidade do sujeito. É nesse campo de batalha interna que se forjam os mecanismos de defesa, as neuroses e as diversas manifestações da subjetividade. A sexualidade infantil, com suas fases oral, anal e fálica, é fundamental para Freud na compreensão da constituição do sujeito, não como um mero desenvolvimento biológico, mas como um processo psicosssexual de organização da libido e de construção das relações objetais. A passagem pelo Complexo de Édipo, em particular, é o momento nodal em que o sujeito se constitui em relação ao desejo, à lei e à linguagem, internalizando as proibições e diferenciando-se dos pais. É nesse palco edípico que as identificações primárias se estabelecem, moldando a identidade sexual e social do sujeito. Por fim, sujeito freudiano é um complexo de processos inconscientes, pulsões, conflitos e estruturas psíquicas que interagem constantemente. Ele é moldado por desejos reprimidos, memórias traumáticas e conflitos internos, sendo fundamentalmente um ser dividido e em constante construção, atravessado por forças que, em grande parte, lhe são desconhecidas. A contribuição de Freud reside precisamente em destacar a



centralidade dos aspectos inconscientes e das forças psíquicas na formação da personalidade e na compreensão dos fenômenos humanos, lançando as bases para uma compreensão da subjetividade que transcende a mera consciência e se aprofunda na dinâmica do desejo e do conflito.

5 CONVERGÊNCIAS TEÓRICAS

Embora a psicanálise e a análise do discurso sejam abordagens teóricas distintas entre si, existem algumas semelhanças entre essas duas perspectivas, a fim de explicar o conceito de sujeito. Para essa análise, vamos considerar, os aspectos da construção discursiva, a Influência do inconsciente, as relações de poder e o contexto social e cultural:

A construção discursiva: Tanto a psicanálise quanto a análise do discurso enfatiza que o sujeito é construído e constituído através de processos sociais e discursivos. Ambas as abordagens admitem a influência da linguagem na formação da identidade e na produção dos sentidos.

A influência do inconsciente: A psicanálise destaca a importância do inconsciente na formação do sujeito, enquanto a análise do discurso reconhece a presença de elementos inconscientes nos discursos e na constituição dos sujeitos discursivos. Ambas as perspectivas reconhecem a existência de emoções mais profundas e não conscientes que influenciam nos processos de construção do sujeito.

As relações de poder: Tanto a psicanálise quanto a análise do discurso consideram a dimensão do poder na formação do sujeito. A psicanálise aborda as dinâmicas de poder presentes nas relações interpessoais e nas estruturas psíquicas, enquanto a análise do discurso investiga como os discursos e as práticas linguísticas estão inseridas em relações de poder mais amplas.

O contexto social e cultural: Ambas as abordagens reconhecem a importância do contexto social e cultural na constituição do sujeito. A psicanálise considera a influência da cultura, da sociedade e das normas morais na formação psíquica do indivíduo (superego), enquanto, a análise do discurso enfatiza como as formações discursivas e as ideologias presentes no contexto social moldam as posições e identidades dos sujeitos.

No entanto, é importante destacar, que essas semelhanças não significam uma convergência total entre as duas abordagens. Elas possuem especificações teóricas distintas e enfatizam aspectos diferentes na compreensão do sujeito.

Tabela 1: Semelhanças entre a psicanálise e a análise do discurso¹

ASPECTOS	PSICANÁLISE	ANÁLISE DO DISCURSO
Construção discursiva	Influência da linguagem na formação da identidade	Ênfase nos processos sociais e discursivos.
Influência do inconsciente	Elementos inconscientes que experimentaram os processos e a construção do sujeito.	Elementos inconscientes nos discursos e na constituição dos sujeitos discursivos.
Relações de poder	Dinâmicas de poder presentes nas estruturas psíquicas.	Presentes nos discursos e nas formações discursivas.
Contexto social e cultural	Influência da cultura, sociedade e normas morais na formação psíquica do indivíduo.	Importância do contexto social, político e cultural na constituição do sujeito e na produção de sentidos.

Tabela elaborada pelas autoras

6 DIVERGÊNCIAS TEÓRICAS

Para analisar as diferenças fundamentais entre as duas abordagens teóricas, psicanálise e análise do discurso, no que diz respeito à compreensão do sujeito, vamos considerar, a abordagem da mente e do inconsciente, a natureza do sujeito, a pulsão e o determinismo psíquico e o foco da análise:

A abordagem da mente e do inconsciente: a psicanálise tem como base central a estrutura da mente humana, dividida em três partes: o Id, o Ego e o Superego. O inconsciente desempenha um papel crucial na formação do sujeito, abrigando conteúdos reprimidos e desejos não conscientes que influenciam o comportamento. Por outro lado, a análise do discurso, concentra-se principalmente na dimensão social da linguagem, enfocando como a linguagem constrói significados e posições discursivas, sem enfatizar a dimensão psíquica individual.

Sobre a natureza do sujeito: para a psicanálise, o sujeito é concebido como um indivíduo com uma estrutura psíquica interna, sujeito a conflitos, impulsos inconscientes e manobra de defesa. O foco está na subjetividade individual e na história pessoal do sujeito. Já na análise do discurso, o sujeito é visto como uma posição construída discursivamente, que emerge dos contextos sociais e é moldado pelas formações discursivas e ideológicas do contexto.

Sobre as pulsões e o determinismo humano: para a psicanálise, as pulsões instintivas e dinâmicas, possui uma importância primordial para a constituição psíquica do sujeito. Em comparação, a análise do discurso atribui a linguagem do sujeito um maior determinismo sócio histórico exercida dentro de limites externos e ideológicos impostos pelas práticas discursivas e sociais.

Sobre o foco da análise: a psicanálise se concentra na análise profunda do inconsciente do indivíduo e das experiências pessoais para entender a construção psíquica do sujeito, enquanto a análise do discurso concentra-se na análise dos discursos coletivos, institucionais e ideológicos para compreender como os sujeitos são posicionados e produzidos socialmente.

Essas divergências refletem a natureza distinta das duas abordagens teóricas e ressaltam como diferentes perspectivas podem ser aplicadas ao estudo do sujeito e sua formação.

Tabela 2: Diferenças entre a psicanálise e a análise do discurso²

ASPECTOS	PSICANÁLISE	ANÁLISE DO DISCURSO
Abordagem da mente e do inconsciente	Ênfase nos processos psíquicos, como o Id, o Ego e o Superego e a importância do inconsciente	Ênfase na dimensão social da linguagem, na produção de sentidos e na construção discursiva,
Natureza do sujeito	Ênfase na subjetividade individual do sujeito e nos conflitos psíquicos	Ênfase na construção social do sujeito e formação discursiva do contexto.
Foco da análise	Análise profunda do indivíduo, das experiências pessoais e da história individual para entender o sujeito.	Análise do discurso coletivo, institucional e ideológico para compreender como o sujeito se posiciona
Pulsão e determinismo	Ênfase na influência das pulsões inconscientes	Ênfase nos processos ideológicos impostos pelas práticas discursivas e sociais

Tabela elaborada pelas autoras²

7 CONCLUSÃO: DIÁLOGOS ENTRE O SUJEITO PSICANALÍTICO E O SUJEITO DISCURSIVO

Esse trabalho teórico que se propôs fazer uma análise comparativa entre o conceito de sujeito na psicanálise freudiana e a análise do discurso em Orlandi, conclui que, a concepção de sujeito é uma questão complexa e multifacetada, onde essas duas abordagens teóricas distintas podem oferecer conceitos complementar e enriquecedora na compreensão da formação da natureza do sujeito humano. As divergências e convergências entre a psicanálise e a análise do discurso permite uma análise abrangente sobre como a subjetividade é moldada e construída em contextos psicológicos e sociais diversos, em como a interseção entre a psicanálise e a linguística pode orientar e direcionar novas pesquisas e compreensão sobre o desenvolvimento humano. Se em Freud nós temos os processos inconscientes, desejos reprimidos e mecanismos de defesa, o aparelho psíquico, ego, id, superego e as pulsões como molde para a construção da identidade do sujeito, na análise do discurso em Eni Orlandi nós temos o sujeito enquanto construção social, discursiva e influenciada pela linguagem e pelo contexto cultural, onde as questões de poder, ideologia e hegemonia assume importante papel na construção discursiva do sujeito.

A jornada de exploração do conceito de sujeito, tanto na psicanálise freudiana quanto na Análise do Discurso de Eni Orlandi, revela pontos de convergência e distinção que enriquecem a compreensão da subjetividade humana. Enquanto Freud desvela um sujeito fundamentalmente dividido pelo inconsciente, pulsões e conflitos psíquicos, moldado em sua dinâmica interna e nas complexas fases do desenvolvimento psicosssexual, Orlandi apresenta um sujeito construído e interpelado pela linguagem, pela história e pela ideologia, um ser que se constitui nas redes de significação e nas formações discursivas. Ambos os autores, contudo, convergem na ruptura com a noção cartesiana de um sujeito autônomo, transparente e plenamente consciente, revelando-o como um campo de forças, atravessado por processos que lhe escapam à total apreensão. Se para Freud a não-transparência se dá pela força da repressão e do desejo inconsciente, para



Orlandi ela emerge da forma como a ideologia atua, sutilmente, na constituição dos sentidos e das posições-sujeito. Nessa análise comparativa reside, portanto, na possibilidade de compreender o sujeito como uma entidade multifacetada. O sujeito freudiano, com suas profundezas inconscientes e suas pulsões inerradicáveis, fornece as bases para entender as motivações mais íntimas e os conflitos que operam aquém da consciência. Já o sujeito orlandiano, imerso na teia discursiva e ideológica, ilumina como essas forças internas se manifestam, são moldadas e ressignificadas na linguagem e nas práticas sociais. A inclusão da psicanálise como um dos pilares da Análise do Discurso por Orlandi não é acidental; ela aponta para um reconhecimento de que o discurso é também atravessado por essas dimensões do desejo e do inconsciente, e que a ideologia, por sua vez, opera como uma forma de interpelação que se dirige a um sujeito já clivado. Assim, a complementaridade entre essas perspectivas oferece um panorama mais completo e dinâmico da complexidade subjetividade humana, onde o que é "dito" e o que é "não-dito" revelam tanto os conflitos internos quanto as construções sociais que nos definem.



REFERÊNCIAS

CABAS, Antônio Godino. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito da questão. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2019.

ELIA, Luciano. O Conceito de Sujeito. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2004.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo: ensaio. Tradução de Paulo César de Souza. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. O eu e o isso, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 13-71. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 16).

FREUD, Sigmund. Pulsões e seus destinos (1915). In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 135-163. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 12).

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Tradução de Maria Cecília Peres de Souza e Maria de Fátima do Nascimento. São Paulo: Cortez, 2005.

ORLANDI, P. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes Editora. 2015.

ORLANDI, Eni. P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SANTOS, Sidnay Fernandes. Dizeres sobre corrupção na mídia impressa brasileira: uma leitura discursiva. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSCar, São Carlos, 2010.